

A Rede.com versa a luz das dimensões da competência do educador **The *Rede.com* versa in - the light of the dimensions of the educator's competence**

¹Mozart Edson Lopes Guimarães, ²José Joelson Pimentel de Almeida;
^{1,2}Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB, Brasil

Resumo: A pandemia da *COVID-19*, o obscurantismo, o Estado hegemônico e as estruturas hierárquicas têm induzido a confirmação do *status* de alienado de parte da população, em especial, dos professores de Matemática. Neste contexto, a escola não vem assumindo sua responsabilidade pela transmissão/criação sistematizada da cultura, mas sim, tem sido constituída de elementos confirmadores de um processo contra emancipador, contra libertador. Vivemos, cotidianamente, uma relação dialógica de domesticação a qual nos impede de fazermos autorreflexões e uma leitura crítica do mundo que fazemos parte. Assim, apresentamos o presente artigo como fruto de diálogos construídos nas aulas do componente curricular Produção Científica, Artigos de Pesquisa e Produtos Educacionais em Ensino de Ciências e Educação Matemática, do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, da Universidade Estadual da Paraíba. Temos como objetivo trazer reflexões a cerca do texto *As dimensões da competência do educador*, capítulo 3 do livro *Ética e competência* [9], relacionando-o a uma proposta de processo educacional, a *Rede.com versa*, o qual apresentamos como consequência da experiência com Rodas de Conversa virtuais promovidas durante a pandemia. Nossa experiência indica a rede como possível desestabilizador de paradigmas associados à estrutura de ensino de Matemática, os quais transpassam o conceito hegemônico de escola, o estado hegemônico e proletariado de professor e o estado subalterno de aluno, de tal modo a possibilitar o surgimento de paradigmas alternativos e professores como intelectuais orgânicos.

Palavras-chave: Roda de conversa; Dimensões da competência do educador; Hegemonia.

Abstract: The *COVID-19* pandemic, obscurantism, the hegemonic state and hierarchical structures have induced confirmation of the alienated status of a part of the population, especially mathematics teachers. In this context, the school has not been assuming its responsibility for the systematized transmission/creation of culture, but rather, it has been constituted by elements that confirm a counter-emancipating, counter-liberating process. We live, on a daily basis, in a dialogical relationship of domestication which prevents us from making self-reflections and a critical reading of the world we are part of. So, we present this article as the result of dialogues built in

the classes of the Produção Científica, Artigos de Pesquisa e Produtos Educacionais em Ensino de Ciências e Educação Matemática curricular component, from the doctoral course of the Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, from the Universidade Estadual da Paraíba. We aim to bring reflections about the text *As dimensões da competência do educador*, chapter 3 of the book *Ética e competência* [9], relating it to a proposal for an educational process, *Rede.com versa*, which we present as a consequence of the experience with virtual Chat Wheels promoted during the pandemic. Our experience indicates the network as a possible destabilizing paradigm associated with the teaching structure, which transcend the hegemonic concept of school, the hegemonic and proletariat state of the Mathematics teacher and the subordinate state of the student, in such a way as to enable the emergence of alternative paradigms and teachers as organic intellectuals.

Keywords: Conversation Wheel; Dimensions of the educator's competence; Hegemony.

Introdução

A pandemia provocada pela COVID-19 tem como resultados a perda de milhares de vidas, os problemas psicológicos de milhares de pessoas, o aumento na desigualdade social entre milhões de sujeitos, dentre tantas outras *máculas* reversíveis e irreversíveis presentes em todo o mundo, em especial, no Brasil.

O *coronavírus* tem afetado a sociedade brasileira de tal forma a revelar características naturalizadas (no)do povo brasileiro as quais olhávamos cotidianamente, porém não as enxergávamos com tanta clareza como nesses tempos. Em especial, cito o culto de alguns a políticos de caráter *necrófago*, ou ainda, àqueles que veem na morte uma oportunidade de ascender economicamente. Chega a ser um paradoxo que algo sombrio, nebuloso, obscuro seja tão revelador.

Infelizmente, a abertura de olhos, ainda da minoria, está sendo concebida a partir de uma tragédia. Poderíamos anteciper o esclarecimento, ou melhor, romper as amarras para o saber, para a consciência se nos voltássemos, ou fôssemos conduzidos ao caminho da compreensão coletiva, da liberdade, da autonomia.

Repito o infelizmente, pois fica cada vez mais difícil conhecer mais, não pelo fato do aumento da distância para o conhecimento, e sim pelo fato de algumas vezes, ele está tão perto que nos revela a proximidade e a profundidade das dificuldades, dos problemas, dos *inimigos* que precisamos enfrentar diariamente para alcançarmos aquilo que nos pertence de direito, o bem-estar comum.

Vivemos cotidianamente uma relação dialógica de desmistificação a qual nos impede de fazermos uma leitura do mundo que fazemos parte. Desde crianças, aprendemos que ser curioso é feio, falar muito é *feio*, questionar o(a) professor(a) é *feio*, conversar na hora da aula é *feio*. Neste sentido, agimos *bonito* se não criticarmos, não perguntarmos, não conversarmos, não dialogarmos, não nos posicionarmos. No final, *manda quem pode, obedece quem tem juízo*. Mas quem pode, o que pode, quando pode? Quem é júri, quem é juiz, quem é réu? A quem compete o que?

A presente escrita foi concebida como fruto de diálogos construídos nas aulas do curricular do componente *Produção Científica, Artigos de Pesquisa e Produtos Educacionais em Ensino de Ciências e Educação*

Matemática, do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, mediado pelo professor José Joelson, e tem como objetivo, não responder as questões do parágrafo anterior, mas sim, apresentar reflexões acerca do texto *As dimensões da competência do educador*, capítulo 3 do livro *Ética e competência* [9], relacionando-o a uma proposta de processo educacional de nossa proposta de Doutorado Profissional, a *Rede.com versa*.

Algumas reflexões apresentadas por Rios [9] sobre as dimensões da competência do educador

A autora inicia sua fala com três questionamentos relacionados ao significado, ao que é necessário e ao que compete de, para e ao educador na nossa sociedade. Este (educador, professor, profissional da educação), é tratado como papel social e, como tal, está atrelado à instituição onde ocorrem suas práticas, sendo esta, a escola, responsável pela transmissão/criação sistematizada da cultura.

O ato de exercer a profissão/trabalho de professor traz uma série de obrigações que exige um *saber fazer bem*. A partir desta expressão, são consideradas duas dimensões: técnica e política, podendo a primeira ser subdividida em *saber* e *saber fazer*, sendo o primeiro relacionado ao domínio do conteúdo, enquanto o segundo, ligado ao domínio das técnicas.

Rios, ao acrescentar a palavra *bem*, produzindo *saber bem* e *saber fazer bem*, além de adentrar na dimensão política, chama a atenção do leitor para construção de significado efetuada historicamente por homens.

Esse mesmo *bem* aparece na confusão em educadores entre *fazer bem* e *fazer o bem*, ou seja, o simples acréscimo do artigo *o* divide significados diferenciando entre ter qualidade na educação e ser *bonzinho(a)*, sendo esta *qualidade* pertencente à dimensão moral e a ações espontâneas, sem criticidade. Portanto, devemos evitar ser *bonzinho(a)*.

Na sequência, a autora afirma que o maior problema enfrentado quando se fala em competência técnica e competência política, diz respeito à desarticulação entre essas duas dimensões e cita a importância de se falar simplesmente em competência, deixando implícito o laço indissolúvel entre o técnico e o político, afinal, o saber fazer técnico constitui a base do querer político.

Em uma segunda seção, Rios opta pelo acréscimo da dimensão ética, completando, assim, o que ela chama de *núcleo da reflexão* realizada no texto, o qual tem continuidade com uma chamada de atenção para a falta de clareza dos professores para dimensão política de seu trabalho, sendo esta dimensão, por vezes, associada ao envolvimento partidário, porém, ao afirmar uma a-politização justificando ser impróprio se manifestar politicamente, o docente já está mostrando um posicionamento, logo, o professor está baseado no moralismo, assim, se tornando contraditório e espontâneo.

Responsabilidade e *compromisso* também são palavras apresentadas pela autora de forma associada, interligada. Professores afirmam compromisso com os interesses dos alunos, mesmo não tendo clareza na implicação política desta afirmação. Na sequência, Rios traz uma reflexão sobre a dimensão estética, justificada pela necessária presença da

sensibilidade no trabalho do professor, algumas vezes, de forma errônea, associada a atos romantizados. Para a autora “A ação docente envolve, portanto, inteligência, imaginação, sensibilidade, afeto” (p.67). É, ainda, nesta seção que o moralismo ganha o perfil de vilão da dimensão estética em sua plenitude na ação docente. Retirando-o, (re)estabelece-se o equilíbrio entre os objetos da estética.

No livro, a ética e a política [9] são associadas ao *compromisso* como interesse de classe. Também, é mostrada a necessidade de diferenciarmos subjetividade de singularidade e individualidade, em que esta se destaca como vilã dos resultados de relações sociais entre os indivíduos, dentre os quais está o conhecimento.

Outra distinção feita pela autora é entre subjetividade e objetividade, ou ainda ética e técnica. Para Rios, a objetividade está relacionada às características do objeto, não havendo necessidade da interferência dos sujeitos, diminuindo distorções do conhecimento, porém, ainda é mantido o envolvimento dos interlocutores com aquilo que eles conhecem, portanto, o conhecimento não é neutro.

Rios afirma, ainda, que emancipação subentende a ruptura com as relações de classe que sustentam a alienação. Na atuação do educador, existem escolhas e exigências de caráter social, neste sentido, a autora faz referência a querer político, à missão histórico e conseqüente, à ampliação da margem de liberdade, chamando a atenção para saber, querer, poder e perceber o dever como necessidades do educador para transformação da escola, conseqüentemente, da sociedade.

Posteriormente, é feita uma referência do poder como forma de

possibilidades e limites, o verbo atrelado à condição de reponsabilidade, consciência. Em seguida, surge no texto o *intelectual orgânico*¹, associado ao potencial do ser humano, em especial, dos professores. Porém, para agir como tal, necessita-se da apropriação da liberdade, ou ainda, da autonomia, dentre outros pré-requisitos. Nas palavras da autora:

É preciso pensar que o educador competente é um educador comprometido com a construção de uma sociedade justa, democrática, na qual saber e poder tenham equivalência enquanto elementos de interferência no real e organização de relações de solidariedade, e não de dominação, entre homens. (RIOS, p.80).

Neste sentido, o texto ainda traz um alerta para o poder com função de manter o saber não partilhado, uma vez que este possibilita ampla atuação.

Nos parágrafos finais, é apresentada a ideia da dimensão ética como síntese das dimensões estética, técnica e política. “Ela está expressa na escolha técnica e política dos conteúdos, dos métodos, do sistema de avaliação etc. ou ela tem de desvendá-los. O educador enquanto profissional é portador de valoração em sua prática” (p.82). Por fim, Rios traz a importância da reflexão para o processo de (auto)análise do educador, assim, este poderá desconstruir, (re)construir e articular práticas que encaminhem para permanente transformação de processos social e educativo, em busca de significados para vida e para o trabalho.

¹ Sobre o termo, sugerimos a leitura de [6].

O ensino e a pandemia

A pandemia da *COVID-19* provocou o fechamento, por tempo indeterminado, de escolas em todo o mundo, porém, em alguns locais, a ausência do ensino presencial durou pouco tempo [7]. O Brasil, na contramão dos países desenvolvidos, além de apresentar políticas ineficazes de combate ao *coronavírus*, é uma das nações que mantêm as escolas sem ensino presencial por mais tempo [8]. Este fato tem revelado, além de problemas sociais, diversos problemas no sistema educacional brasileiro, abrangendo desde o ensino infantil até a formação de professores no ensino superior.

Cito, como exemplos, a falta de formação suficiente ou adequada para professores usarem tecnologias em suas atividades docentes, a limitação de recursos pedagógicos que contemplem o ensino não presencial, o analfabetismo tecnológico dos alunos e a inacessibilidade dos estudantes à *internet*, a computadores, a *smartphones*, a *tablets*, dentre outros instrumentos essenciais para o ensino remoto.

Mesmo diante deste contexto, muitas escolas, públicas e privadas, tiveram que retomar as aulas em um formato remoto, em outras palavras, a instituição escolar como conhecíamos, com uma estrutura dividida em salas de aula, laboratórios, biblioteca, secretaria, diretoria etc. se transformou e passou a ser o *Google Meet*, a cozinha de nossa casa, a *internet*, o *e-mail* institucional nossas referências e as referências de nossos alunos.

Por vezes me deparei com um recado afixado na porta, na parede, ou ainda, no quadro, com os seguintes dizeres: “É proibido o uso de celular na

sala de aula!”. Quem diria que este aparelho se tornaria uma sala de aula?

Assim, a partir desse tipo de experiência, ousou afirmar que nós, escola, auxiliamos na construção de barreiras para o conhecimento e para leitura de mundo, além de interferirmos negativamente para o desenvolvimento de características como a curiosidade, a análise, a autonomia e a crítica. A escola, por muito tempo, tem sido um instrumento de domesticação, repressão, alienação [1].

A proximidade física facilita os atos de vigiar e punir, principalmente quando se está trabalhando em um grupo fechado formado pelo professor e *seus* alunos. Mas como pode funcionar essa vigilância quando não vemos os discentes, ou ainda, como punir quando ao lado dos discentes podem estar seus pais? Afinal, o grupo já não é fechado, como também não são fechadas as possibilidades diante da *internet*.

Os papéis sociais estão ligados às instituições ao mesmo tempo em que as formam. Se nós, professores, não compreendermos nossas ações nas dimensões ética, estética, técnica e política seremos incapazes de nos adaptarmos a situações adversas, como a que nos encontramos nesta pandemia, além de ficarmos presos à escola do passado e à mercê de instrumentos de dominação disponibilizados na sociedade da informação (aulas pré-fabricadas, metodologias de ensino impostas, currículos pré-fabricados, avaliações pré-fabricadas). Sem percebermos, somos instrumentos utilizados para fabricação de instrumentos.

Não podemos esperar que a *nova* escola seja formulada por classes hegemônicas, uma vez que não é de interesse destas que surjam este *novo*, assim, é de nossa competência,

professores, formar uma escola a partir da consciência, do conhecimento, da crítica, da leitura de mundo, da *práxis*. Nosso saber e saber fazer técnicos não podem ser dissociados das nossas condições de posicionamento político, muito menos das reflexões sobre as intencionalidades.

Devemos assumir nossa responsabilidade e nosso compromisso enquanto sujeitos sobre o papel de professores, para assim, darmos início ao rompimento de estruturas de poder personificadas naquilo que conhecemos como escola, local onde os alunos são tratados como receptáculos de informação. A *nova* escola não pode agir para controlar a recepção das informações. É clara a necessidade de uma transformação do processo educativo e, conseqüentemente, do processo social através da consciência, do saber, da vontade, do querer, do perceber, do poder, do compromisso, da adesão, da escolha, da ação.

Neste sentido, apresento a seguir uma experiência educacional vivenciada no ano de 2020 na Escola Estadual de Ensino Fundamental Elídio Sobreira, da cidade de São Sebastião de Lagoa de Roça, como possibilidade para o processo de ressignificação de conceitos presentes no cotidiano escolar e não escolar, especialmente *aula, escola, professor, aluno e política*.

Uma experiência com Rodas de Conversa

O ano de 2018 foi marcado por grandes embates políticos e ideológicos entre a população brasileira. A nação se apresentou dividida em dois extremos, onde, de um lado, tivemos apoiadores da *moral*, do *conservadorismo*, do *cidadão de bem* representados pelo candidato à

presidência da república, Jair Bolsonaro. Do outro lado, estavam as pessoas de *esquerda*, os ditos *corruptos*, representados pelo ex-presidente da república, Lula, e pelo candidato que recebeu seu apoio, Fernando Haddad. Os termos em destaque, substantivos e adjetivos, foram expressões muito utilizadas durante o processo eleitoral daquele ano e, até hoje, se fazem presentes em nosso meio, provocando dualidades, discussões, separações e reflexos.

Em 2020 os extremismos se misturaram à situação pandêmica e a política partidária não contemplou as necessidades de preservação da saúde causando, assim, um caos político, econômico, sanitário, social se instaurou no Brasil. Deparamo-nos com graves conseqüências individuais e coletivas.

Visitas a locais de entretenimento, a exemplo de bares, restaurantes e casas de *shows*, foram suspensas. Logo, tanto os diálogos como as relações humanas diminuíram, fato este que resultou no significativo aumento de problemas psicológicos entre crianças, adolescentes, adultos e idosos [4].

Ao mesmo tempo destes acontecimentos, escolas passaram a adotar o ensino remoto como forma de minimizar os impactos na educação dos estudantes. Porém, como abordado na seção anterior, não houve uma reformulação da antiga estrutura escolar, dessa forma, alguns problemas psicológicos que alunos e professores já vinham enfrentando, foram maximizados pelas pressões da entrega de blocos de atividades; de ter que assistir e ministrar aula cuidando de filho, mãe, irmão(ã), e de ter diversos afazeres domésticos para dar conta, além das atividades escolares.

Quem não gostaria de trocar esses momentos de *stress* por aquele bate papo com cafezinho? Então, por qual motivo não tornar os encontros com os alunos, as aulas, em situações de diálogos com a participação do cafezinho? Assim, em conjunto com a professora de Língua Portuguesa, minha esposa, surgiu a ideia de proporcionarmos, experimentalmente, momentos de Rodas de Conversas, apresentadas por Moura e Lima (2014), da seguinte forma:

As Rodas de Conversa consistem em um método de participação coletiva de debate acerca de determinada temática em que é possível dialogar com os sujeitos, que se expressam e escutam seus pares e a si mesmos por meio do exercício reflexivo. Um dos seus objetivos é de socializar saberes e implementar a troca de experiências, de conversas, de divulgação e de conhecimentos entre os envolvidos, na perspectiva de construir e reconstruir novos conhecimentos sobre a temática proposta. (MOURA, p.101)

Um ambiente propício para o estabelecimento de diálogos voltados a reflexões, socialização de saberes e divulgação de conhecimentos favorece os processos de ressignificação, além combater males impostos pela pandemia. De imediato, pensamos no trabalho interdisciplinar abordando conceitos atuais e que, ainda, se encontram no âmbito do senso comum, *fato e opinião*.

Por se tratar de uma proposta que viria a ocorrer de forma online, pelo *Google Meet*, nos possibilitou ampla divulgação e englobar outras escolas, familiares dos alunos, gerentes regionais, gestores escolares etc., com isso, para nosso espanto, conseguimos alcançar o limite de 200 participantes, fato que tornou o início da Roda de conversa muito complicado de

organizar. Não tínhamos habilidade suficiente com o *Google Meet*, eram muitas pessoas falando e enviando mensagens pelo *chat* ao mesmo tempo, antes das falas dos mediadores.

Porém, na medida em que fomos explicando a natureza daquela Roda de Conversa, muitas pessoas foram saindo da sala demonstrando alguma forma de desinteresse. Permaneceram cerca de 130 pessoas, entre alunos, professores, gestores escolares, gerentes regionais, dentre outras pessoas. Após uma hora desde o início da conversa, contávamos com a participação de cerca de 80 pessoas, as quais ficaram até o final do evento.

De início, explicamos que nós, organizadores do evento, estávamos lá apenas como mediadores/participantes do debate, deixando claro que não se tratava de uma palestra ou uma aula nos moldes tradicionais. A nossa intenção era debater, dialogar, trocar saberes, construir conhecimentos sobre o tema fato e opinião. Todos os participantes poderiam se manifestar sobre o assunto a qualquer momento, respeitando o início e o fim da fala de qualquer um dos colegas.

Por se tratar de um método incomum, os participantes precisaram de alguns estímulos via questionamentos, para assim, começarem a expor seus posicionamentos. Por exemplo, foi levantado o tema *COVID-19*, a partir de então foram lançadas perguntas sobre a evolução do número de casos e de mortes.

Algumas pessoas expuseram suas opiniões e, na sequência, foram mostrados alguns gráficos [2] (fatos) que deram abertura para mais posicionamentos, assim a conversa fluiu e foi ganhando a adesão de mais pessoas. Ao tratarmos de *fake news*,

conteúdo de grande familiaridade dos participantes, porém pouca compreensão, as interações já estavam com grande intensidade.

Para nossa surpresa, tendo em vista que muitos adultos estavam presentes, os alunos do ensino fundamental tiveram maior participação que os demais presentes, demonstrando mais naturalidade com a situação. No final, expomos nosso sentimento de satisfação com os diálogos, com as críticas e com os posicionamentos que surgiram durante o evento. Nos grupos de *WhatsApp* das turmas, a repercussão do evento foi boa, chegando a serem feitos pedidos de mais Rodas de Conversa.

Tendo em vista o potencial do evento para estímulos à (auto) reflexão, ao pensamento crítico, à aproximação entre sujeitos, às relações de solidariedade, à produção de conhecimento, dentre outros, proporcionamos mais Rodas de Conversa envolvendo mais professores, escolas e alunos, além de conseguimos criar uma prática dentro da escola Elídio Sobreira.

A partir de então, passamos a envolver cada vez mais nossos familiares e as famílias dos alunos nas ações da escola.

Outros professores, escolas e profissionais de outras áreas, também começaram a participar das Rodas de Conversa e produzir ações de maior interação e ação transdisciplinar, como sarau e debate político entre candidatos a líderes de turma.

Foi perceptível a mudança de comportamento dos alunos durante o ano de 2020. Eles se mostraram mais dispostos e envolvidos com as ações da escola, principalmente quando se tratava da promoção de algum evento diferenciado. Estavam mais questionadores das ações de

professores, de outros alunos e da gestão escolar.

Infelizmente, alguns professores optaram por não participar de nenhum dos eventos, porém, já no planejamento para o ano letivo de 2021, em consenso entre docentes e gestão escolar, as Rodas de Conversa entraram para o calendário. Foi estabelecida a ocorrência periódica, pelo menos uma vez por mês, com a participação de todos os professores, mesmo alguns destes mostrando incompreensão dos impactos causados pelas conversas que ocorreram em 2020.

A Rede.com versa

O texto de Rios, sobre as dimensões da competência do educador, leva, mais do que a várias reflexões sobre a função do professor, à reflexão sobre os posicionamentos, ou a falta deles, enquanto ser humano. Somos, como tantos outros, conduzidos ao papel de domesticados, não livres, não autônomos, não conscientes do nosso potencial para se transformar e transformar outros sujeitos a partir da curiosidade, da leitura, de questionamentos, da abertura para relações dialógicas e da compreensão de atitudes responsivas.

A ignorância é um passo fundamental para aquisição de conhecimento, afinal o não saber, aliado a outros saberes, é que nos conduzem naturalmente à curiosidade, sendo esta parte de nossa constituição desde crianças, porém, perdida durante nosso processo de adestramento. Assim, o mau da humanidade não é a ignorância, são os esforços para sua manutenção, como a incorporação da rigidez dos processos educacionais, os quais nos engessam para ações de transformação.

Dessa forma, na busca de uma ruptura de paradigmas da estrutura de atuação de professores, em especial de Matemática, proponho a ressignificação do conceito de Rodas de Conversa apresentado por Moura e Lima (2014), considerando a experiência na atuação nos meios digitais. De acordo com a definição apresentada, uma Roda de Conversa é um método, podendo ser adotada como um evento. Por outro lado, pelo alcance e potencial para transformar características de sujeitos a partir de ações virtuais contínuas, somos levados à concepção de processo, neste caso, um novo processo.

Acrescentamos o fato de que, historicamente, as Rodas de Conversa, por ocorrerem de forma presencial, proporcionam ações e reações baseadas naquilo que é ouvido e visto nas expressões corporais, fato este que não ocorre em encontros virtuais, onde o discurso, escrito ou falado, registrado ou não, ganha maior expressão e responsabilidade.

Neste sentido, com os objetivos de impulsionar a criticidade e a emancipação por meio do estabelecimento de relações dialógicas; proporcionar meios de conscientização sobre estado de liberdade, de dominação e de autonomia; formar intelectuais orgânicos; iniciar um processo de ruptura de paradigmas estruturais presentes nas aulas de Matemática; minimizar ações espontâneas e impactos do moralismo em professores de Matemática; tornar os sujeitos, envolvidos no ensino e na aprendizagem em Matemática, conscientes do eu dentro das dimensões ética, estética, política e técnica, lançamos como proposta de processo educacional, a *Rede.com versa*.

Este nome foi pensado considerando seu caráter de ação nos meios digitais, em que *rede* traz uma dupla referência, sendo uma a *internet* e outra ao potencial de envolvimento de várias pessoas simultaneamente, o *.com* remete aos endereços eletrônicos ao mesmo tempo em que cria um jogo de palavras ao unir-se com o *versa*, este podendo também ser lido de forma separada como sinônimo de *aborda*. Em uma possível tradução, seria um momento virtual de interação entre pessoas que irão conversar sobre determinado tema.

Como primeira ação desta proposta de processo, foram convidados professores de Ciências, de Língua Portuguesa e de Matemática para impulsionar o debate sobre a importância do ato de ler, baseados no texto de Paulo Freire de 1989 [3].

O objetivo específico desta Rede foi dialogar com a comunidade escolar sobre o conceito freiriano de ler, mostrando as possibilidades dentro dos componentes curriculares Língua Portuguesa, Ciências e Matemática. Buscamos, ainda, uma compreensão mais profunda dos discursos formados e de suas consequências nos processos de aprendizagem matemática.

Mais uma vez, houve grande interação entre os participantes em torno do tema. Foram levantados vários questionamentos e relatos de experiências envolvendo tanto a leitura acadêmica, como a não acadêmica, fato este que nos mostrou a intrínseca relação entre o conhecimento científico e nossas vidas.

Considerações finais

A pandemia da *COVID-19*, o obscurantismo, o estado hegemônico e as estruturas hierárquicas têm induzido

a confirmação do *status* de alienado e proletariado de grande parte da população, em especial, dos sujeitos componentes dos sistemas educacionais de ensino. Neste contexto, a escola não vem assumindo sua responsabilidade pela transmissão/criação sistematizada da cultura, mas sim, tem sido constituída de elementos confirmadores de um processo contra emancipador, contra libertador.

O *saber* e o *saber fazer* do professor estão cada vez mais restritos à dimensão técnica, paradoxalmente, ficando as outras dimensões diminuídas diante do processo de mecanização do ensinar e do aprender. Enquanto isso, a responsabilidade e o compromisso com a própria classe de educadores, estão sendo substituídos pela submissão ao poder hegemônico. Enquanto professores, por vezes, temos sido induzidos a agir sem inteligência, imaginação, sensibilidade ou afeto, dando lugar ao espontâneo nos moldes do moralismo.

Dessa forma, será possível desestabilizar paradigmas associados à estrutura de ensino de Matemática, os quais transpassam o conceito hegemônico de escola, o estado hegemônico e proletariado de professor e o estado subalterno de aluno, de tal modo a possibilitar o surgimento de paradigmas alternativos e professores de Matemática como intelectuais orgânicos?

A *Rede.com versa* tem se apresentado com potencial desestabilizador para o enfrentamento contra hegemônico, porém, ainda estamos em uma fase embrionária da pesquisa, com muitos questionamentos a serem respondidos.

Temos acompanhado o envolvimento de cada vez mais professores, os quais ministram aulas

nos diversos componentes curriculares, a saber: História, Arte, Geografia, Ciências, Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Ciências das Religiões. Contudo, ao longo do tempo de promoção das Rodas de Conversa e das *Redes.com versa*, poucos docentes de Matemática têm participado. Quais os motivos?

Para tentarmos entender melhor esse fenômeno, elaboramos uma série de redes específicas para estes professores. Estas *Redes.com versa* serão promovidas durante os meses de julho e agosto de 2021. Nosso objetivo principal é aprofundarmos nossa pesquisa, a partir dos diálogos estabelecidos com professores de Matemática, das redes pública e privada do estado da Paraíba, em torno dos seguintes temas: *O papel da Matemática em contextos adversos, A autonomia do professor de Matemática, A sala de aula de Matemática como arena discursiva, A produção da verdade a partir de discursos matemáticos, A Matemática como instrumento neoliberal, A Matemática e Currículo Paraibano do Ensino Fundamental, A Matemática e Currículo Paraibano do Ensino Médio, Possibilidades de emersão do pensamento crítico.*

Com essa ação, esperamos, também, proporcionar momentos significativos de (auto)reflexão, desconstrução, (re)construção e articulação de práticas com fins de transformação social e educativa.

Referências

- [1] CONTRERAS, J. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.
- [2] Curva de contágio do coronavírus na PB: evolução de casos confirmados, mortes, gráficos e dados. **G1**, 2020.

Disponível em:
<<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/03/20/curva-de-contagio-do-coronavirus-na-paraiba-veja-evolucao-de-casos-suspeitos-e-confirmados.ghtml>>. Acesso em: 9 de jul. de 2021.

[3] FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler** - em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1991.

[4] GANDRA, A. Pandemia afeta saúde mental de crianças e jovens, dizem psiquiatras. **Agência Brasil**, 2021. Disponível em:
<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-03/pandemia-afeta-saude-mental-de-criancas-e-jovens-dizem-psiquiatras>>. Acesso em: 9 de jul. de 2021.

[5] LIMA, M. G.; MOURA, A. F. A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa: Um Instrumento Metodológico Possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa-PB, v. 23, n.1, p. 98-106, jan-jun 2014.

[6] MANACORDA, M. A. **O princípio educativo em Gramsci: americanismo e conformismo**. 3ª ed. Campinas, SP: Alínea, 2019.

[7] PALHARES, I. Maioria dos países reabriu escolas, mas ainda buscam estratégias para não voltar a fechá-las. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 4 de fev. de 2021. Disponível em:
<<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/02/maioria-dos-paises-reabriu-escolas-mas-ainda-buscam-estrategias-para-nao-voltar-a-fechar-las.shtml>>. Acesso em: 10 de jun. de 2021.

[8] PINTO, A. E. de S.; SALDAÑA, P. Brasil é dos países com mais tempo

sem aula; escolas fechadas podem afetar economia mundial. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 8 de set. de 2020. Disponível em:
<<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/09/brasil-e-dos-paises-com-mais-tempo-sem-aula-escolas-fechadas-podem-afetar-economia-mundial.shtml>>. Acesso em: 10 de jun. de 2021.

[9] RIOS, T. A. **Ética e competência**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 2011.